



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I-CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA

THAISE DE MEDEIROS SOUSA

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

CAMPINA GRANDE-PB

2016

THAISE DE MEDEIROS SOUSA

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado á Coordenação do curso de Letras- Língua Portuguesa- da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

CAMPINA GRANDE-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725l Sousa, Thaise de Medeiros
A literatura de cordel no ensino médio [manuscrito] :
experiência do estágio supervisionado / Thaise de Medeiros Sousa.
- 2016.
53 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves,
Departamento de Letras e Artes".

1. Ensino de literatura. 2. Cordel. 3. Sala de aula. 3. Estágio
supervisionado. I. Título.

21. ed. CDD 371.30281

THAISE DE MEDEIROS SOUSA

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do curso de Letras-Língua Portuguesa- da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Aprovada em: 19/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo dos Santos Andrade

Prof. Me. João Paulo dos Santos Andrade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kalina Naro Guimarães

Prof. Dra. Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha família e amigos
que me ajudaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força de chegar aonde cheguei e de ser o que sou hoje, pois sem esta força espiritual eu nada faria.

À professora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, pela paciência e dedicação e por compartilhar comigo um pouco de sua experiência.

À minha família que sempre esteve comigo nos momentos de alegria e tristeza, me ajudando para que eu não desistisse.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras da UEPB, que sempre buscavam extrair o melhor de cada aluno e estavam dispostos a ajudar quando precisávamos.

Aos colegas de classe Amanda Danyelly, Roberlânia Alves e Fabiana Maria, pelos momentos de amizade, apoio, parcerias e alegrias.

Não há saber mais ou saber menos:

Há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

O ensino da literatura na educação básica tem como principal objetivo a formação de leitores, no entanto o que se observa, muitas vezes, são aulas de literatura ainda centradas no ensino de aspectos estruturais dos textos assim como a ênfase na memorização de datas e nomes de autores e obras. Desta forma, o texto passa a ser visto pelos alunos de forma mecânica, ou seja, o ensino da literatura é substituído por um ensino em que a leitura do texto literário é realizada como pretexto para se ensinar a gramática. Com o objetivo de modificar essa realidade, os documentos oficiais apresentam orientações para que se tenha um ensino literário eficaz. Tendo isso em mente, o presente trabalho tem como objetivo discutir, através da descrição e análise do estágio supervisionado, mais especificamente do roteiro planejado e desenvolvido no estágio, uma proposta para o ensino de literatura que objetivou a formação do leitor, através da literatura de cordel. O roteiro planejado foi aplicado em uma turma de terceiro ano da Escola Estadual de Ensino Médio DR. Elpídio de Almeida-PRATA, localizada em Campina Grande-PB. A metodologia de ensino priorizou aulas dialogadas que buscaram a interação com os discentes, objetivando despertar o interesse dos alunos para o texto e gerar conhecimento, em oposição a apenas transmitir o conteúdo. O trabalho encontra-se fundamentado teoricamente nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e suas propostas para o ensino da literatura, na discussão promovida por Solé (1998) sobre as estratégias de leitura, Marinho e Pinheiro (2012) com suas contribuições a cerca do trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, Guimarães (2002) que fala sobre o estágio supervisionado, além de outros autores. A análise da experiência vivenciada reafirmou a importância do planejamento docente para a organização do trabalho pedagógico e para alcançarmos os objetivos previstos, bem como a responsabilidade das licenciaturas em preparar bem o aluno da graduação, uma vez que o campo de estágio revela muitos desafios, que para serem superados exigem profissionais fundamentados nos aspectos teóricos e metodológicos.

Palavras-Chave: Ensino de Literatura. Cordel na Sala de aula. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

The literature teaching in primary education has as main objective the formation of readers, however what is observed, are often literature classes still focused on teaching structural aspects of the texts as well as the emphasis on memorizing dates and names authors and works. Thus, the text is seen by students mechanically, ie the literary literacy is replaced by a school where reading the literary text is performed as an excuse. In order to change this reality, official documents have guidelines in order to have an effective literary education. With this in mind, this paper aims to discuss, through the description and analysis of supervised training, specifically the planned route and developed on stage, a proposal for the teaching of literature aimed at training the reader through literature cordel. The planned route was applied to a group of third year of the State School of Middle Education DR. Almeida-SILVER Elpidio, located in Campina Grande-PB. The teaching methodology prioritized dialogued classes that sought interaction with the students, aiming to arouse the interest of students to the text and generate knowledge, as opposed to just stream content. The work is theoretically based on the Curriculum Guidelines for Secondary Education (OCEM), the National Curricular Parameters (PCN) and its proposals for the literature of education, discussion promoted by Solé (1998) on reading strategies, Marine and Pinheiro (2012) with contributions about working with the string literature in the classroom, Guimarães (2002) which talks about the supervised training, and other authors. The analysis of lived experience reaffirmed the importance of the teaching plan for the organization of the pedagogical work and to achieve the objectives set, as well as the responsibility of degrees in and prepare the graduate student, since the training field reveals many challenges, to be overcome require professional based on the theoretical and methodological aspects.

Keywords: Literature Teaching. Cordel in the classroom. Supervised internship

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO..... | 12 |
| 2. ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E ESTÉTICOS DA LITERATURA..... | 14 |
| 3. O ENSINO LITERÁRIO | 15 |
| 3.1. Formando leitores no ensino médio: perspectivas para a escolarização adequada da literatura..... | 16 |
| 4. SOBRE O CORDEL NA SALA DE AULA..... | 19 |
| 4.1 Aspectos históricos do cordel..... | 21 |
| 5. MOMENTO DA INTERVENÇÃO: reflexões sobre a representação do Nordeste na literatura..... | 22 |
| 5.1 Da leitura a escrita do cordel..... | 27 |
| COSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| REFERÊNCIAS..... | 32 |
| APÊNDICE A..... | 35 |
| APÊNDICE B..... | 49 |

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um período significativo para a formação nos cursos de licenciatura, sendo esta uma etapa fundamental para os futuros profissionais, que desejam preparar-se para enfrentar os desafios da profissão, pois é por meio deste componente que os discentes têm a oportunidade de conhecer e vivenciar o cotidiano escolar. O estágio possibilita a realização na prática dos conhecimentos adquiridos na universidade, seja por meio da observação ou participação, como a regência, além de conhecer um pouco da realidade da profissão.

É por meio da experiência que o aprendizado torna-se mais eficaz, pois desta forma o conhecimento é assimilado de forma mais significativa. Na prática de sala de aula, o estagiário tem a oportunidade de ver as teorias que foram estudadas serem aplicadas, ou seja, o estágio proporciona a integração da teoria e prática indispensável no exercício profissional. No entanto, mesmo sabendo que a atividade de lecionar está ligada à prática, ressaltamos que esta prática não é adquirida apenas nos últimos períodos acadêmicos, seria interessante então que o estágio não se limitasse apenas a um cumprimento da grade curricular mas que houvesse uma maior valorização dessa disciplina.

Na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, o estágio acontece em quatro momentos, no primeiro estágio de observação onde são observadas as práticas de aula no ensino fundamental e em seguida no estágio dois se dá o momento de intervenção na turma observada, o estágio três e quatro acontecem da mesma forma só que no ensino médio

Tendo isso em mente, nosso objetivo no presente trabalho é discutir por meio da descrição e da análise da aplicação de um roteiro planejado no estágio supervisionado IV uma proposta de abordagem da literatura no Ensino Médio, através da literatura de cordel. A escolha do gênero cordel surgiu durante o nosso período de “estágio de monitoria”, quando percebemos o interesse de alguns alunos por este gênero, em função de suas características históricas e culturais vinculadas a nossa região. No entanto as aulas observadas estavam presas a recortes de textos, utilizados como pretextos para o ensino das características das escolas literárias, fugindo do que sugerem os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (PCNEM) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). Segundo os referidos, o ensino de literatura tem como papel principal a formação de leitores

competentes, que possam ler, compreender e apreciar a leitura de modo a extrair dela um conhecimento experiência como assinala Antonio Candido (1995):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. (CANDIDO, 1995, p.805).

No que tange ao ensino de literatura, o que pudemos observar durante o período do estágio de monitoria/observação, é que o ensino em geral é caracterizado pelo que está posto nos livros didáticos, ou seja, o ensino é pautado nas principais características das escolas literárias, principais obras, autores e suas biografias, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem torne-se mecânico, uma vez que os conteúdos são expostos pelo professor e decorado pelo aluno visando a realização de uma avaliação futura. Dessa forma, os alunos adquirem conhecimentos desvinculados aos conteúdos.

Tendo como preocupação o desenvolvimento de novas alternativas que dessem significado às aulas de literatura, à formação de leitores e incentivasse o gosto pela leitura, elaboramos na disciplina Estágio IV, um planejamento de acordo com a necessidade dos alunos, os quais foram observados durante a vivência no Estágio III. O planejamento supracitado foi aplicado na turma do 3º ano B, no turno da noite da Escola Estadual de Ensino Médio DR. Elpídio de Almeida –PRATA, na cidade de Campina Grande PB. A temática central do planejamento foi: “O Nordeste representado na década de 30”, tendo como objetivo geral: “Promover, através da leitura, o posicionamento crítico dos alunos em relação à representação do Nordeste na literatura da década de 30”, e, como objetivos específicos, Proporcionar o desenvolvimento sócio-discursivo dos discentes; aprimorar a capacidade de interpretação dos alunos; instigar à leitura crítica dos alunos a partir literatura de cordel, além de conhecer as suas características. função de suas características históricas e culturais vinculadas a nossa região.

A base teórica deste trabalho fundamenta-se em Candido (1995); Colomer (2007); Maria (2008); Marinho e Pinheiro (2012); Zilberman (2008); os documentos oficiais citados, entre outros.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente são feitas considerações a cerca do estágio supervisionado; em seguida, contemplamos abordagens sobre a literatura e seu papel na formação de leitores no ensino médio, focalizando questões a sobre o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula. Por fim, analisamos o trabalho desenvolvido no estágio bem como a apresentação dos resultados obtidos.

1- O estágio supervisionado

O estágio supervisionado pode ser compreendido como sendo o momento de aprendizado acerca da prática. Para alguns discentes este pode ser o primeiro contato com o seu futuro campo de atuação, sendo assim, ele é uma das mais eficientes formas de propiciar ao estudante o contato direto com a sua futura profissão, promovendo a integração com o mundo de trabalho sob a responsabilidade de profissionais habilitados.

Nos cursos de licenciatura, os estágios durante muito tempo aconteceram na segunda metade do curso, conforme a resolução CNE/CP N° 1, de 18 de Fevereiro de 2002, no Art.13,§ 3°:

Estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio.

Atualmente, o modelo de estágio anteriormente mencionado tem sido modificado, no entanto no ano de 2014 quando realizamos nosso estágio esta era a resolução seguida. Este é um passo importante na vida acadêmica do estagiário, pois por meio desta relação, teoria e prática, é que o estagiário começa a ser preparado para o seu amanhã enquanto profissional da educação, é também por meio deste que o mesmo tem a oportunidade de

observar como pensa e agem as novas gerações, já que o processo de ensino e aprendizado necessita ser transformado de acordo com as constantes mudanças da sociedade.

Segundo Guimarães (2012), o estágio supervisionado de vários cursos de licenciatura acontece em três momentos clássicos:

O conhecimento do espaço escolar, dos atores que atuam na escola e dos processos ali vivenciados; (ii) a preparação de projetos ou ações que serão desenvolvidos em sala de aula sob a coordenação de um professor tutor, o professor da escola campo do estágio, e supervisionado por um professor na Universidade; (iii) a docência propriamente dita: prática de sala de aula, correção de materiais, preparação de exercícios, aplicação e correção, devolução e comentários para os alunos. (GUIMARÃES, 2002, p.275).

Sendo assim, o estágio tem como principal objetivo proporcionar aos futuros docentes uma experiência no cotidiano escolar, sob a responsabilidade de profissionais capacitados. A sistematização do estágio também prevê que haja um contato entre o professor orientador da universidade com o professor da escola com o objetivo de juntos buscarem contornar os problemas vivenciados no ensino básico, através das pesquisas universitárias. No entanto, a realidade de alguns estágios é a de que só existem um ou dois professor(s) orientador (es) para orientar e acompanhar as várias turmas de estagiários, e isso acaba comprometendo o trabalho

A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social. (PASSINI, 2010. p.26)

Sabemos que a experiência para a futura profissão não será adquirida apenas nos últimos semestres do curso, mas seria interessante que as instituições de ensino superior tivessem um olhar mais comprometido com o estágio de licenciatura, oferecendo escolas para o estágio, mais professores para orientar as turmas, condições para os alunos que moram em outras cidades estagiarem em suas realidades e porque não uma remuneração como acontece em tantos outros cursos, desta forma quem sabe o estágio dos cursos de licenciatura deixaria de ser apenas mais uma disciplina a ser cumprida, e passaria a ser valorizado.

2. Aspectos, culturais e estéticos da literatura

Antonio Candido (1995, p.242) de forma ampla define a literatura como “Todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Nesta definição, o autor deixa claro que a literatura é tida como uma manifestação de todos os homens e de vários tempos, desta maneira o autor, utiliza-se de uma definição que contempla o nosso cotidiano, como a oralidade e escrita, sem deixar de lado as elaborações estilizadas, ou seja, o autor não restringe a literatura a um conceito que engloba apenas os gêneros presentes no cânone literário, mas inclui também das manifestações populares.

Em sua obra intitulada *Literatura e Sociedade*, Candido (2006) defende a tese de que, para ser considerado literatura, um texto deve contemplar três esferas: autor, leitor e obra, onde o autor seria um comunicante, a obra o comunicado e o leitor o receptor. Desta tríade teríamos um produto, um produtor e o consumidor, para se concretizar um sistema que legitimaria o que é e o que não é literatura.

Sobre a função da literatura, Candido (1995, p.242) destaca que está ligada à complexidade da natureza, podendo ser distinguida por pelo menos três faces, a primeira onde a literatura é tida como uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado, a segunda como forma de expressão e a terceira como uma forma de conhecimento.

A literatura é considerada um “bem incompreensível” por Antonio Candido, isto é, ela seria um bem indispensável à vida humana, seguindo esta vertente, refletimos a cerca do ensino de literatura, ensino este que perpassa o caráter de apenas escolarizar, mais que assume um papel de humanizar, pois suas funções educativas ajudam para a formação de um leitor cada vez mais competente, por meio dela consegue se vivenciar diversas experiências em contextos sociais, culturais, distintos, enfim ela nos traz uma gama de conhecimentos. Sobre este caráter humanizador, os documentos oficiais descrevem como sendo “metas para nossas escolas o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, não importando se o educando continuará os estudos ou

ingressará no mundo do trabalho. Assim, a literatura é um fator indispensável de humanização” (BRASIL, 2006, p. 53).

Surge, então, a pergunta: como humanizar se já somos humanos? Essa resposta é encontrada nas ideias de Candido (1995), que é tido como idealizador dessa forma de ver a literatura:

Os elementos essenciais são a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 54).

Esta perspectiva humanizadora concebe o leitor não mais como um mero receptor, mas como um participante ativo na construção do sentido dos textos, o problema é que nem sempre o texto literário é priorizado em sala de aula, como iremos discutir um pouco no próximo tópico.

3. O ensino literário

O que observamos nas aulas de literatura durante o estágio supervisionado são práticas que priorizam a seleção de autores do cânone, enfatizam o estudo das escolas literárias, inserindo a apresentação fragmentada de textos, com a finalidade de realizar um trabalho para casa ou até mesmo em sala de aula, com o objetivo de atribuição de uma nota.

Desta forma, a relação entre o texto e o leitor passa a ser substituída pela ênfase no estudo dos conteúdos gramaticais ou da história da literatura, ou seja, o texto literário passa a ser estudado como um pretexto para o ensino da gramática e para uma abordagem cronológica, que tem como base, panoramas históricos e características de estilos de época.

No entanto, na busca pela formação de leitores literários é importante que se realize um trabalho que proporcione ao aluno leitor a compreensão da literatura como arte acessível, como parte de sua cultura, que é um dos nossos objetivos nesse trabalho, ao

escolher a literatura cordel para ser trabalhada com os alunos no período do estágio, que descreveremos mais a frente.

Lidar com a literatura na sala de aula implica promover um encontro entre o aluno e a leitura de forma especial, buscando desse modo que o aluno descubra inúmeras faces que o texto literário apresenta, fazendo com que aquele se torne um leitor literário. Para tanto, se faz necessário trazer para sala de aula textos autênticos e na íntegra.

Ensinar a ler é função da escola, no entanto, com a incumbência de ensinar a ler, esta nem sempre esclarece o aluno a respeito do benefício que a leitura poderá trazer em sua vida. Para Zilberman (2008), a crise da leitura está ligada à escola, que muitas vezes não dispõe de uma conservação física dos prédios, incluindo as salas de aula, bibliotecas e equipamentos de ensino além da baixa remuneração e qualificação dos professores.

3.1. Formando leitores no ensino médio: perspectivas para a escolarização adequada da literatura

Até há pouco tempo nem se cogitava a pergunta “por que a Literatura no ensino médio?”: era natural que a Literatura constasse no currículo. A disciplina, um dos pilares da formação burguesa humanista, sempre gozou de status privilegiado ante as outras, dada a tradição letrada de uma elite que comandava os destinos. (OCEM, 2006,p.51).

Por muito tempo a literatura foi vista como sinal distintivo de cultura, ou seja, ela era tida como um divisor de águas, onde apenas a elite e os membros das castas religiosas tinham acesso, enquanto que as classes populares eram privadas de conhecê-la. Com o avanço das técnicas, a determinação do mercado e da mídia, estes valores foram derrubados, e hoje a literatura é vista como fator indispensável de humanização.

Tradicionalmente no ensino de literatura, as aulas tinham o propósito de memorização de estilos e nomes dos autores com suas respectivas obras, ou eram tidas como pretexto para se ensinar a gramática logo, não mais atendem às necessidades educativas dos jovens. Da mesma forma que a imposição de leituras pela escola acaba afastando os leitores dos textos.

O ensino da leitura passou a priorizar a diversidade de interesse do educando e de textos que circulam na sociedade, de maneira democrática. Não é tarefa apenas do professor selecionar e indicar as obras a serem lidas, já que o interesse e as práticas leitoras dos alunos precisam ser conhecidas e respeitadas. "Cabe entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária" (ZILBERMAN, 2008, p.30).

Nos primeiros anos de formação do aluno, ou seja, no ensino fundamental, é notável que o ensino:

[...] caracteriza-se por uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas, na qual se misturam livros que indistintamente denominamos "literatura infanto-juvenil" a outros que fazem parte da literatura dita "canônica", legitimada pela tradição escolar, inflexão que, quando acontece, se dá sobretudo nos últimos anos desse segmento (7ª ou 8ª série). (OCEM, 2006, p.61).

No entanto, quando voltamos o olhar para o ensino médio:

Supõe-se que os alunos que ingressam no ensino médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária, que poderão ser trabalhados lado a lado com outras modalidades com as quais estão mais familiarizados, como o hip-hop, as letras de músicas, os quadrinhos, o cordel, entre outras relacionadas ao contexto cultural menos ou mais urbano em que tais gêneros se produzem na sociedade. (OCEM. 2006. p.63).

No ensino médio, o que se busca é a formação de leitores competentes, isto é, capazes de ir além do que dizem os textos, o que implica não apenas a identificação de informações na superfície do texto, mas um trabalho cognitivo que possibilite a percepção das intenções do autor e a relação existente com outros textos. "A carência de noções teóricas e a escassez de práticas de leituras literárias são fatores que contribuem para que o aluno encare a literatura como objeto artístico de difícil compreensão." (BUNZEN; MENDONÇA; KLEIMAN; et. al 2006.p.83).

Fixando o olhar no Ensino Médio, momento de iniciação da disciplina de Literatura, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio-OCEM (2006) sugerem que o ensino de literatura "[...] deve privilegiar como conteúdo de base no ensino médio a Literatura brasileira, porém não só com obras da tradição literária, mas incluindo outras, contemporâneas significativas (p.73)." Desta forma o desenvolvimento da habilidade de

escrita e leitura não devem se deter apenas ao ensino do cânone literário e a aprendizagem da norma culta. Para tanto, faz-se necessária a mediação do professor, que deve levar em conta as leituras prévias dos alunos e as suas expectativas.

Como afirmam Beach & Marshall (*Apud* BUNZEN; MENDONÇA; KLEIMAN, 2006), o desafio do professor é ajudar os alunos a elaborar ou rever suas interpretações iniciais, sem destacar totalmente suas leituras. “O professor deveria colaborar com os alunos, visando à construção/ reconstrução de interpretação e não simplesmente apresentando leituras já prontas.” Para a formação de leitores por meio da literatura é importante que o professor deixe de lado o olhar analítico e faça com que o aluno compreenda que na leitura ele exerce um papel ativo de construção dos significados:

Mais importante não é a leitura forçada de um livro até o final, mas que o leitor iniciante possa ter a possibilidade de encontrar um texto que seja de seu agrado, um texto que o fixe, que o envolva e que, através dele, possa o leitor enriquecer sua visão de mundo, discutir a sua própria realidade e exercitar o seu olhar sobre ela, ampliando o seu conhecimento a partir do texto lido; enfim, que haja espaço para o desejo do leitor, que ele possa de fato ser sujeito de sua leitura. (MARIA, 2008, p.52).

Desenvolver o gosto pela leitura é uma proposta desafiadora para qualquer professor. Por isso

[...] é necessário motivá-los à leitura de livros com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar (por exemplo, que o aluno se reconheça como leitor, ou que veja nisso prazer que encontre espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores) e que tornem necessárias as práticas da leitura. Tais atividades evitariam que o jovem lesse unicamente porque a escola pede – o que é com frequência visto como uma obrigação. (OCEM, 2006, p.70).

Uma proposta sugerida por Maria (2008) para evitar a prática da leitura por obrigação é a realização de um trabalho democrático. Não só a professora indicaria os livros para serem lidos, mas os alunos teriam a autonomia para indicar as obras que seriam lidas a partir do sistema de empréstimo, e, logo após a leitura, os alunos apresentariam breves comentários sobre o que leram. Desta forma, o entusiasmo poderia nascer decorrente da valorização do espaço do leitor.

4. Aspectos históricos do cordel; Sobre o cordel na sala de aula

Os cordéis tiveram sua gênese a partir das cantigas dos trovadores medievais, por meio das quais as notícias da época eram passadas em formas de versos. Para melhor definir a poesia cordelista, Tenório, Barbosa e Assis (2011, p.9) citam:

[...] poesia narrativa, popular, impressa. Poesia por sua rima e metrificação; narrativa porque conta histórias com começo, meio e fim; popular porque é feita pelo poeta do povo e direcionada para todas as camadas sociais; e impressa por sua forma de apresentação, tradicionalmente em folhetos.

O termo cordel se deu por conta da prática portuguesa em vender os folhetos nas feiras e em outros lugares públicos em cordões. No Brasil, os cordéis chegaram junto com a nossa colonização, no entanto, este acabou assumindo características estilísticas, temáticas e estruturais diferenciadas, pois enquanto em Portugal e na Espanha a literatura de cordel era abordada de acordo com o contexto histórico, no Brasil, os horizontes se ampliam e o cordel passa a visar também uma narrativa de romances de encantamentos, enredos novelescos, etc.

Quanto à forma, o cordel brasileiro também apontou diferenças. As histórias europeias eram narradas nos folhetos por meio de estrofes de seis versos, chamada quadra, enquanto que no Brasil, a mesma, era apresentada em estrofes de seis versos (sextilha) por meio de versos com sete sílabas, também conhecidos como “redondilha maior”.

Foi no Nordeste brasileiro que o cordel encontrou um terreno bastante propício para se propagar, pois, conforme Abreu (1999), a vida nordestina é a inspiração para a produção dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções. Assim esse estilo de produção literária foi estabelecido como manifestação da memória popular constituída de fonte de entretenimento, informação e comunicação.

[...] a literatura de cordel, expressão cultural popular, vista ao longo dos anos como uma literatura pobre, sem elaboração e voltada apenas para uma parcela da sociedade, a camada mais pobre, inculta, passa a ser observada além das fronteiras da sociedade não letrada. Como as

demais manifestações literárias, essa literatura começa a ser vista dentro dos parâmetros artístico-sociais e do contexto de produção que a condiciona, sendo percebida como uma produção que pode sobreviver ao meio erudito. (CARVALHO;RODRIGUES.2009.p.178).

Durante muito tempo o ensino centrou-se em perspectivas mecanicistas e tradicionais, cujas práticas pedagógicas baseavam-se uso exclusivo dos livros didáticos, excluindo uma gama de recursos didáticos e de múltiplas linguagens. O privilégio do cânone ainda continua em voga na maioria das salas de aula. Em consequência, a literatura de cordel ainda é deixada de lado por muitos autores e professores, ”Mas, ao contrário do que propõe essa visão, acreditamos que a literatura de cordel é um artefato cultural que pode estar ligado às experiências de vida do aluno, principalmente daquele que faz parte da cultura nordestina” (CARVALHO; RODRIGUES. 2009.p.183).

Por estar fora do cânone, o cordel deixa de ser trabalhado em sala, mesmo tendo servido de inspiração para vários escritores brasileiros renomados como: Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, entre outros. Por vezes, não é apresentado em alguns livros didáticos, que muitos professores utilizam como norteador do ensino de português:

Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores. (MARINHO E PINHEIRO, 2012. p.11).

O cordel é um exemplo de gênero discursivo que tem como característica “O dinamismo da cultura, o poder de se renovar, de recriar velhos e significativos temas” (MARINHO E PINHEIRO, 2012. p.70) ele pode ser encontrado tanto escrito, impresso em livretos, como oral, já que pode ser cantado e narrado com o acompanhamento de viola, além de ter como finalidade narrar acontecimentos, homenagear, informar, etc.

Quando utilizado em sala, na maioria das vezes, são tidos apenas como fonte de informação com o objetivo de observação quanto à sua estrutura, o que acaba recaindo no ensino do texto como pretexto, evitando que o aluno tenha contato com a cultura que está sendo representada, como afirmam Marinho e Pinheiro (2012):

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folheto deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considera-lá apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdo disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma significativa experiência de leitura de folhetos. (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p.12-13).

É fato que a escola deve propiciar aos alunos o contato com o maior número de gêneros possíveis, e que o cordel pode ser usado como esse meio de interlocução entre sociedade e escola, no entanto é necessário que não se use o cordel como um mero pretexto para o ensino da gramática, mas o que deve ser destacado é toda sua gama de riqueza estética e histórica.

Talvez a falta de metodologias para utilizar a literatura popular em sala de aula esteja atrelada à questão de que não existem muitas discussões quanto ao seu uso, já que ela é vista pela maioria das pessoas apenas como um símbolo cultural, e não como uma oportunidade que o aluno tem de buscar novas vivências e conhecimentos por meio da leitura.

Atualmente, não é difícil encontrar poetas populares que têm recontado clássicos da literatura infantil em folhetos de cordel, a exemplo de *Chapeuzinho vermelho- versão versejada-* e *O gato de botas*, do poeta Manoel Monteiro, algo que o professor nas aulas de leitura pode utilizar para ampliar o conhecimento e o repertório de leitura dos alunos, bem como para mostrar as diferenças entre as duas literaturas.

Sendo assim:

É necessário que a escola permita ao aluno inserir-se no processo de recepção dos textos literários, especialmente àqueles que fazem parte de sua vivência e cultura, como sujeito marcado historicamente capaz de dialogar com as suas próprias experiências. O enfoque historicista e, no caso específico do cordel, a visão folclórica, impostos no processo de recepção de obras literárias, tem erguido um distanciamento entre o aluno, texto e as leituras (o aluno) possui. Permitir o contato com suas próprias experiências pode ser determinante para a compreensão da complexidade e da realidade inscrita nos textos literários populares. (CARVALHO; RODRIGUES, 2009,p.184).

5. Momento da intervenção: reflexões sobre a representação do Nordeste na literatura

Neste tópico será descrito e analisado o momento da intervenção que se deu no ano de 2014, realizada na sala de aula por meio do Roteiro de literatura (apêndice A), que teve como objetivo promover através da leitura o posicionamento crítico dos alunos diante da representação do Nordeste na década de 30, pois, ao vivenciar as aulas com a turma no período anterior, percebemos que estes apresentavam uma escassez de leitura e que os alunos estavam presos apenas às características das escolas literárias. O estágio foi realizado na turma do 3º ano B, no turno da noite, da Escola Estadual DR. Elpídio de Almeida-PRATA, na cidade de Campina Grande, PB. A turma era formada por dezessete alunos, de 17 a 19 anos, que recorreram ao turno da noite para conseguir prosseguir com os estudos, já que trabalhavam durante o dia. Os alunos mostraram-se participativos nas aulas, contribuindo a partir dos conhecimentos de mundo que traziam, sempre participando dos diálogos após as leituras coletivas.

As estratégias de leitura foram desenvolvidas segundo as orientações teóricas de Isabel Solé (1998) que apresenta três etapas de atividades com o texto: o antes da leitura, onde se instiga o leitor a assumir um papel ativo diante da leitura, o durante onde se constrói uma interpretação que ajude na resolução de problemas e o depois da leitura onde as etapas anteriores são unificadas de forma concreta. É importante destacar que a autora ressalta que essas estratégias não podem ser vistas como uma opção que deve ser seguida como uma receita, mas que elas são sugestões de meios pelo quais se pode incentivar a compreensão durante o processo de leitura, levando em consideração a presença de um leitor ativo. As etapas de leitura seguem segundo Solé a seguinte sistematização:

Para antes da leitura:

Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos paratextuais, como título, subtítulo, do exame de imagens, de saliências gráficas, utros.
Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto;
Expectativas em função do suporte;
Expectativas em função da formatação do gênero;
Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

Atividades durante a leitura:

Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas criadas antes da leitura;
Localização ou construção do tema ou da ideia principal;
Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário;
Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores;

Formulação de hipóteses a respeito da seqüência do enredo;
Identificação de palavras-chave;
Busca de informações complementares;
Construção do sentido global do texto;
Identificação das pistas que mostram a posição do autor;
Relação de novas informações ao conhecimento prévio;
Identificação de referências a outros textos.

Atividades para depois da leitura:
Construção da síntese semântica do texto;
Utilização do registro escrito para melhor compreensão;
Troca de impressões a respeito do texto lido;
Relação de informações para tirar conclusões;
Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto;
Avaliação crítica do texto.

O conteúdo solicitado pela docente da turma para ser trabalhado nas aulas de literatura foi a Segunda Fase do Modernismo. Através do gênero cordel, sistematizamos a temática “O Nordeste representado na década de 30”, pois se trata de um tema ainda atual e que é recorrente nos autores da geração de 30, além de ser um problema vivenciado em nossa região. Tal aproximação com a realidade dos estudantes pode fazê-los ter interesse e desenvolver o gosto pela leitura.

O Roteiro inicial foi composto por dez encontros, que acabaram não acontecendo, por conta dos feriados, das vezes que a professora da turma não permitiu a nossa intervenção, já que alegava estar atrasada no conteúdo por conta dos empecilhos acima, além das vezes que fomos até a escola e não houve aula. Sendo assim, nossa seqüência se resumiu em seis aulas de meia hora cada, ou seja, três encontros de uma hora, já que por ser no turno da noite o tempo das aulas era reduzido.

Escolhemos para o trabalho a leitura do cordel, que tem como característica a linguagem simples e o lúdico, o que acaba proporcionando uma leitura prazerosa além de trazer variados temas, dentre eles política, sociedade, variações linguísticas, que poderão ser inseridos nas aulas de português e em diversos contextos educacionais, além de ser um gênero literário popular presente em nossa cultura.

[...] motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesmas o digam ou pensem. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nelas serão trabalhados

tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar. (SOLÉ,1998.p.92)

Tal escolha foi feita com base na necessidade de que “os estudantes sintam que a literatura não se restringe aos clássicos que já conquistaram seu espaço nos manuais de história da literatura, mas que é uma produção social e histórica, dialoga com o nosso tempo, registra o que somos nós hoje”(MARIA,2008,p.58).

Visando um trabalho pautado no que rege os documentos oficiais, sobre o ensino de literatura, onde este não deve se deter nos estudos das escolas literárias, buscamos a partir do tema proposto trabalhar a literatura com o propósito da formação de leitores e não de literatos. Assim ,buscamos atender o que está disposto no PCN no tocante aos objetivos do ensino de literatura

Para cumprir com esses objetivos, entretanto, não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido, apesar de os PCN, principalmente o PCN+, alertarem para o caráter secundário de tais conteúdos: “Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que [...]” (PCN+, 2002, p. 55). Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito (BRASIL, 2006, p.54).

Segundo Solé (1998), ler é um procedimento, cujo acesso é conseguido através da sua exercitação compreensiva, sugere portanto uma estratégia para o professor seguir com os alunos durante a leitura do texto:

O professor e os alunos devem ler um texto, ou um trecho de um texto, em silêncio (embora também possa haver leitura em voz alta). Depois da leitura, o professor conduz os alunos através das quatro estratégias básicas. Primeiro se encarrega de fazer um resumo do que foi lido para o grupo e solicita sua concordância. Depois pode pedir explicações ou esclarecimentos sobre determinadas dúvidas do texto. Mais tarde formula uma ou algumas perguntas [...], cuja resposta torna a leitura necessária. Depois desta atividade, estabelece suas previsões sobre o

que ainda não foi lido, reiniciando deste modo o ciclo
(SOLÉ,1998,p.119).

Buscando seguir o que foi proposto acima, tendo como foco “A Segunda fase do Modernismo”, conteúdo solicitado pela professora da turma, ministramos as aulas, que seguiram as etapas propostas por Solé.

No primeiro encontro para iniciarmos o conteúdo, escolhemos a música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, *Asa Branca*, que retrata a realidade do sertão nordestino e o sofrimento do sertanejo em meio à seca, que o obriga a ir embora de sua terra natal em busca de uma vida melhor.

Antes de darmos início a leitura da música foi feita uma antecipação do tema ou ideia principal a partir do título, que foi reconhecido de imediato pelos alunos. Em seguida, procedemos, por meio do diálogo, ao levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto; expectativas em função do suporte; expectativas em função da formatação do gênero; expectativas em função do autor. Muitos relataram que já conheciam outras composições de Luis Gonzaga.

A letra da música foi entregue aos alunos e eles mesmo não tendo o hábito de ler em sala de aula se mostraram muito confortáveis neste primeiro momento de leitura, todos participaram da leitura coletiva de forma prazerosa, sem se preocupar se iriam ler corretamente ou não.

Após a leitura coletiva, afim de que saíssem da zona de conforto a qual estavam acostumados, fizemos algumas perguntas com o objetivo de confirmar ou não as hipóteses levantadas antes da leitura; localizar no texto a temática, identificar pistas que mostram a posição do autor no que diz respeito à representação do Nordeste e do nordestino. As perguntas foram as seguintes: 1) “Vocês já conheciam o texto? 2) Quais os sentimentos expressos na música? 3) Como o homem sertanejo é representado no texto? 4) Qual a temática principal abordada na música? 5) Na relação do homem nordestino com a natureza, religião e cultura que aspectos chamam a atenção?

Durante a discussão, os alunos se mostraram participativos nos relatando toda a história que a música descreve e ao mesmo tempo fazendo paralelos com a realidade social e cultural do Nordeste.

Com o objetivo de introduzir o gênero cordel, após a discussão, relacionamos o assunto tratado na música com o cordel “Seca no Nordeste”, de Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido no município de Pombal, considerado rei dos poetas populares do seu tempo. Atentando para a questão de que “a leitura oral dos folhetos de cordel, [...], é indispensável” (MARINHO E PINHEIRO. 2012. p.129), entregamos o texto, sem enfatizar o seu gênero. Desta vez, ao indagarmos sobre o texto aos alunos, estes nos relataram que não tinham conhecimento do autor nem do texto, mas isto não os inibiu de, mais uma vez, fazerem a leitura coletiva. Pelo contrário, eles se mostraram interessados em conhecer a história que seria lida, além de estarem a vontade com este segundo momento de leitura, a ponto de não precisarmos indicar quem começaria a ler, já que eles mesmos decidiram guiar este momento, o que muito nos surpreendeu, pois aqueles alunos que eram apontados pela professora titular como os bagunceiros eram os que mais participavam da aula.

Após a leitura, iniciamos um segundo momento de diálogo fazendo paralelos entre os textos, pois “O objetivo da comparação é estimular a discussão, o diálogo, o confronto de pontos de vista e chamar a atenção para o fato de que a literatura de cordel coloca na ordem do dia questões humanas fundamentais (RESENDE *apud* PINHEIRO & MARINHO, 2012,p.130)”. Neste momento os alunos, principalmente os das cidades pequenas aos redores de Campina Grande, nos relataram algumas experiências e fatos que estavam vivendo e vivenciando durante o período de seca. Por fim, indagamos sobre o gênero, que foi reconhecido imediatamente pelos alunos, em seguida realizamos uma segunda leitura do cordel desta vez destacando para os alunos a musicalidade com que é lido o cordel, como propõe Marinho e Pinheiro:

Portanto, a primeira e fundamental atividade deve ser a de ler em voz alta. E, se possível, realizar mais de uma leitura. Esta repetição ajudara a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entoações de modo adequado. Trata se de dar expressividade á leitura-encontrar o seu *páthos*, o núcleo afetivo da narrativa. (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p.129),

Nesta segunda leitura, os alunos não tiveram dificuldades para ler o cordel de acordo com a sua musicalidade e puderam perceber que esta destacava a expressividade com que o texto deveria ser lido.

Ainda na mesma aula, expusemos para os alunos o que seria trabalhado e os nossos objetivos, pois, para encontrar sentido no que fazer o leitor “[...] tem de saber o que deve

fazer- conhecer os objetivos que se pretende alcançar com sua atuação [...]“(SOLÉ,1998.p.91).

Na segunda aula, trabalhamos a origem do cordel e a sua estrutura, sem perder de vista a relação dos aspectos estruturais com os efeitos de sentidos gerados no texto. Os alunos se mostraram interessados em aprender o conteúdo. Depois disto, devido aos dias que ficaram sem aulas, por conta das eleições e feriados e outros em que a professora precisou aplicar prova, o que prejudicou muito a nossa atuação, passamos para o trabalho de produção escrita do cordel.

O cordel quando utilizado em sala, na maioria das vezes, é tido apenas como fonte de informação com o objetivo de observação, quanto à sua estrutura, o que acaba recaindo no ensino do texto como pretexto. Para Marinho e Pinheiro, estas práticas “não conseguem oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, esvazia o objetivo estético.” (p.126).

5.1 Da leitura à escrita do cordel

No terceiro e último momento foi realizada a escrita do cordel. Como o tempo era curto e não tínhamos como levar uma obra que pudesse servir como mais um texto de apoio para os alunos obterem embasamento para o momento da escrita, optamos por levar um cordel sobre a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, do autor Cristóvão Augusto, que apresenta um resumo da história do retirante Fabiano e de sua família. Para essa atividade, recorreremos mais uma vez as estratégias de leitura proposta por Solé (1998, p.118) que propõe:

- Formular previsões sobre o texto a ser lido.
- Formular perguntas sobre o que foi lido.
- Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto.
- Resumir as ideias do texto.

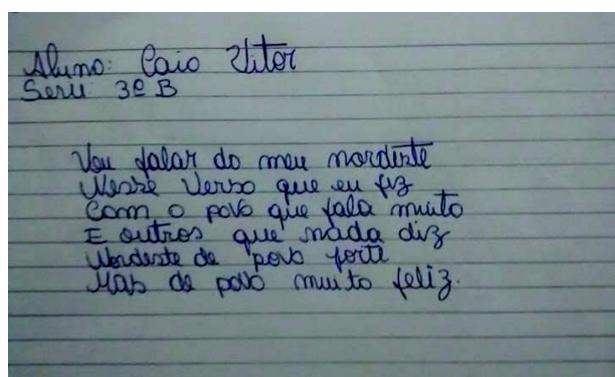
Após formular previsões sobre o texto, fizemos a leitura compartilhada do mesmo, por meio da qual os alunos puderam compreender que se tratava da história trágica de Fabiano e sua família em meio à seca nordestina e nos relataram que até então não tinham conhecimento da obra, apesar de ser bastante conhecida.

Durante a discussão relacionamos aspectos temáticos presentes no cordel com a Segunda fase do Modernismo, para atender a exigência da professora titular da turma, destacando ligações com o contexto histórico e os autores mais influentes na prosa e na poesia.

Por fim, concluímos a escrita do cordel, produzido coletivamente, onde cada aluno escreveu uma sextilha (estrofe com seis versos), tendo como tema “O Nordeste”, que vinha sendo trabalhado desde a primeira aula. Tentamos conduzir esse momento de forma mais confortável possível, para que a atividade tivesse um caráter lúdico e prazeroso para os alunos, já que com base nas observações feitas durante o estágio de monitoria, a professora titular nos momentos de escrita preferia trazer textos prontos para que os alunos escrevessem apenas a conclusão e o título do texto, afirmando que estes não eram capazes de escrever sozinhos, contrário ao que propõe Pinheiro & Marinho. (2012, p.141)

“É sempre bom lembrar que as atividades de criação em sala de aula devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno e jamais serem usadas de modo obrigatório ou para fins avaliativos.”

Tomando como exemplo a sextilha produzida por um dos alunos, podemos afirmar que o conteúdo trabalhado foi de todo satisfatório, uma vez que nenhum dos alunos fugiu do tema proposto bem como buscaram seguir a estrutura de uma sextilha, estrofe ou estância de seis versos de sete sílabas, com o segundo, o quarto e o sexto rimados; verso de seis pés, colcheia, repente, estrofe muito usada nas cantorias,



Esta produção, reafirmou o que ressaltam os documentos oficiais acerca da importância do protagonismo do leitor:

A fruição de um texto literário diz respeito à apropriação que dele faz o leitor, concomitante à participação do mesmo leitor na construção dos significados desse mesmo texto. Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizador será (BRASIL, 2006, p.60).

O aluno assumiu um caráter protagonista ao apresentar uma representação do nordestino diferente da história sofrida do sertanejo na música “Asa branca” e da figura de Fabiano retratada no cordel. Na sextilha produzida pelo aluno, o Nordeste é um lugar de “povo forte” e o nordestino é “um povo muito feliz”.

O aluno também mostrou-se um leitor e escritor autônomo, uma vez que, como pudemos observar na sextilha em destaque este incluiu a sua identidade sobre o tema no texto ao afirmar que falará do “meu Nordeste; Neste verso que eu fiz”.

Um leitor crítico que afirma que o Nordeste é um lugar “Com o povo que fala muito; E outros que nada diz”, ou seja o aluno usou dos seus conhecimentos prévios e de suas inquietações para compor sua criação aproximando-se do que foi postulado por Pinheiro e Marinho (2012)

Mas nem só o desafio poderá conduzir a criação. São as experiências pessoais, familiares, grupais que podem ser motores da criação. Cada um pode transpor para um folheto suas experiências : uma paixão malograda, um sonho, um problema social inquietante, uma luta, um fato histórico, uma partida de futebol etc. Tudo isso pode ser tratado em tons diferentes[...] (PINHEIRO; MARINHO. 2012, p.137)

Em geral, os alunos leram e interagiram com os textos trabalhados e, ao tomarem conhecimento do que estava sendo exposto, relataram e discutiram exemplos do cotidiano, ou seja, se mostraram leitores críticos, autônomos e humanos nesse momento da escrita, o que foi muito positivo, pois se sentiram a vontade para escrever e opinar sem ter medo de errar no ambiente de sala de aula. Ao término destas três aulas, podemos destacar:

1- O trabalho significativo com o cordel em sala de aula como uma ferramenta de incentivo a leitura, que possibilita aos alunos o desenvolvimento da capacidade reflexiva e autônoma enquanto leitores e escritores.

2- A abordagem da leitura literária, tendo em vista a formação do leitor e não a utilização do texto como pretexto para se estudar gramática.

3- A importância de um planejamento para o desenvolvimento de um trabalho satisfatório, por meio da sequência didática, haja visto que esta:

[...] tem por finalidade propiciar a renovação da forma como o professor de língua materna tem tradicionalmente planejado e organizado a sua prática. [...] Trata se, pois, de um conjunto e atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual (oral ou escrito), que tem o intuito de facilitar a progressão na aprendizagem de leitura e de escrita. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) *APUD* (MARINHO E PINHEIRO, 2012. p.72).

A experiência proporcionada pelo estágio permitiu, apesar das inúmeras dificuldades vivenciadas, que colocássemos em prática as teorias aprendidas no ambiente acadêmico, por meio da vivência na escola campo.

COSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o Estágio Supervisionado IV nos proporcionou o convívio na escola e o contato com a prática levando-nos a uma reflexão acerca da nossa vida futura como docentes. A partir dessa experiência foi possível adquirirmos aprendizados que irão nos ajudar na nossa vida profissional, pois só a teoria não é suficiente, por isso é necessário o estágio para uma prática eficaz.

Vimos que o ensino da literatura é uma preocupação que vem sendo discutida por diversos estudiosos e que apesar disso ainda permanece na escola a práticas tradicionais baseadas na memorização de nomes de autores e obras. Para mudar esta realidade, faz se necessário que o professor esteja sempre se atualizando quanto à sua prática de ensino.

No que se relaciona ao relato de experiência em específico, acreditamos que um trabalho planejado tem grandes chances de ser bem sucedido, uma vez que por meio deste os docentes conseguem planejar suas ações e executar suas tarefas com maior segurança. Sendo assim, a relação feita entre teoria e prática possibilitou um trabalho satisfatório, visto que o gênero cordel, foco do roteiro planejado, foi bem recebido pelos alunos. Além disso, os alunos conseguiram interagir e progredir no processo de leitura e escrita, aperfeiçoando sua aprendizagem e conseqüentemente sua criticidade.

Vale salientar que, apesar do número reduzido de aula, todas as atividades antecedentes ao momento da escrita fizeram parte de um processo para se obter o produto final - o texto escrito. E como afirma Garcez (1998, p.14) “A escrita é uma atividade que envolve várias tarefas, às vezes sequenciais, às vezes simultâneas”.

Vale destacar também que a formação de leitores vai muito além das análises das questões formais ou o estudo das escolas literárias, um leitor é formado a partir do contato íntimo com o texto e a leitura, seja silenciosa ou em voz alta, e que no caso dos alunos esta não deve se limitar a uma atividade avaliativa, mas sim como uma ferramenta humanizadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Helder Pinheiro. **Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos**. Campina Grande: EDUFPG, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**, Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia; KLEIMAN, Angela B...[et. Al]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3º ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9º ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Maria Edneide Ferreira de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira. Diálogos entre a cultura popular e a escola: a inserção da obra *Dez cordéis num cordel só*, do cordelista Antônio Francisco, no PSV da UERN. In: **Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009.

COLOMER, Teresa. A articulação escolar da leitura literária. In: **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. Leitura literária: a seleção dos textos IN: COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2009. p. 31-6.

GARCEZ, L.H.C. A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto. Brasília: UNB, 1998.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. O estágio curricular no curso de letras: o desafio de ensinar a ensinar literatura. In: **Ensino de Língua e Literatura : políticas, práticas e projetos**. Campina Grande: Bagagem/UFPG, 2012.

MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores** 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MENDES, Soélis Teixeira do Prado Mendes. ROMANO, Patrícia Aparecida Beraldo. **Práticas de língua e literatura no ensino médio: olhares diversos, múltiplas propostas**. Campina Grande: Bagagem, 2012.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Leitura...esta bela adormecida**. In: Leitores e Leituras: narrando experiências em salas de aula. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed,1998.

TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: Poesia e Romancero Popular no Brasil**: São Paulo: Ed.34,2005.

TENÓRIO, C. Martins; BARBOSA, C. Garcia; ASSIS, R. Alves de. **Literatura de cordel como fonte de informação**. III Seminário de Iniciação Científica da FESPSP, São Paulo, 2011.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. IN: **Escola e Literatura: velha crise, novas alternativas**- São Paulo: Global, 2008.

APÊNDICE

A: ROTEIRO PLANEJADO

Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de Letras e Artes

Curso de Licenciatura em Letras

Habilitação: Língua Portuguesa

Componente Curricular: Estágio Supervisionado IV

Professora: Ana Lúcia

Equipe: Thaise de Medeiros Sousa

Roteiro planejado:

Ano: 3º ano do Ensino médio

Tempo : três aulas

Temática: O Nordeste representado na década de 30

Gêneros: cordel

Conteúdos: 2º fase do modernismo no Brasil; elementos da narrativa.

Objetivo Geral: Promover, através da leitura, o posicionamento crítico dos alunos diante da representação do Nordeste na década de 30.

Objetivos Específicos:

- Proporcionar o desenvolvimento sócio-discursivo dos discentes;
- desenvolver a capacidade de interpretação dos alunos;
- Instigar à leitura crítica dos alunos a partir do gênero trabalhado.
- Conhecer as características do gênero textual trabalhado

Justificativa: Ao vivenciar as aulas com a turma no estágio de observação, percebemos que nas aulas de literatura havia uma escassez de leitura, os alunos estavam presos apenas às características das escolas literárias.

Sequência Didática

1º Momento:

- Introduzir a temática através da letra da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em seguida analisar a temática da canção e discutir em sala. Após a discussão, relacionar o assunto com a leitura compartilhada do cordel “Seca no Nordeste”.

Asa Branca

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo
 Qual a fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
 Nem um pé de prantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Então eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão

 Quando o verde dos teus olhos
 Se espalhar na prantação
 Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração

Cordel - Seca no Nordeste

Seca as terras as folhas caem,
 morre o gado sai o povo,
 O vento varre a campina,
 Rebenta a seca de novo;
 Cinco, seis mil emigrantes
 Flagelados retirantes
 vagam mendigando o pão ,
 Acabam-se os animais
 ficando limpo os currais
 Onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde

Em todo aquele sertão

Não há um entre aqueles

Que mostre satisfação

Os touros que nas fazendas

Entravam em lutas tremendas,

Hoje nem vão mais o campo

É um sítio de amarguras

Nem mais nas noites escuras

Lampeja um só pirilampo.

Foi a fome negra e crua

Nódoa preta da história

Que trouxe-lhe o ultimatum

Foi o decreto terrível

Que a grande pena invisível

Com energia e ciência

Autorizou que a fome

Mandasse riscar meu nome

Do livro da existência.

E a fome obedecendo

A sentença foi cumprida

Descarregando lhe o gládio

Tirou -lhe de um golpe a vida

Não olhou o seu estado

Deixando desamparado

Ao pé de si um filhinho,

Dizendo já existisses

Porque da terra saíisses

Volta ao mesmo caminho.

Vê-se uma mãe cadavérica

Que já não pode falar,

Estreitando o filho ao peito

Sem o poder consolar

Lança-lhe um olhar materno

Soluça implora ao Eterno

Invoca da Virgem o nome

Ela débil triste e louca

Apenas beija-lhe a boca

E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes

Atravessarem as ruas

Umas com roupas em tira

Outras até quase nuas,
Passam tristes, envergonhadas
Da cruel fome, obrigadas
Em procura de socorros
Nas portas dos potentados
Pedem chorando os criados
O que sobrou dos cachorros.

O gado urra com fome,
Berra o bezerro enjeitado
Tomba o carneiro por terra
Pela fome fulminado,
O bode procura em vão
Só acha pedras no chão
Põe se depois a berrar,
A cabra em lástima completa
O cabrito ainda penetra
Procurando o que mamar.
Grandes cavalos de selas
De muito grande valor
Quando passam na fazenda
Provocam pena ao senhor
Como é diferente agora

Causava admiração,
Era russo hoje está preto
Parecendo um esqueleto
Carcomido pelo chão.

Hoje nem os pássaros cantam
Nas horas do arrebol
O juriti não suspira
Depois que se põe o sol
Tudo ali hoje é tristeza
A própria cobra se pesa
De tantos que ali padecem
Os camaradas antigos
Passam pelos seus amigos
Fingem que não os conhecem.
Santo Deus! Quantas misérias
Contaminam nossa terra!
No Brasil ataca a sede
Na Europa assola a guerra
A Europa ainda diz
O governo do país
Trabalha para o nosso bem
O nosso em vez de nos dar

Manda logo nos tomar
 O pouco que ainda se tem
 Vê-se nove ,dez,num grupo
 Fazendo súplicas ao
 Eterno Crianças pedindo a
 Deus Senhor! Mandai-nos inverno,
 Vem ,oh! Grande natureza
 Examinar a fraqueza
 Da frágil humanidade
 A natureza a sorrir
 Vê-la sem vida a cair
 Responde:o tempo é debalde.
 Os habitantes procuram
 O Governo Federal
 Implorando que os socorra
 Naquele terrível mal
 A criança estira a mão
 Diz senhor tem compaixão
 E ele nem dar-lhe ouvido
 É tanto a sua fraqueza
 Que morrendo de surpresa
 Não pode dar um gemido.
 Alguém no Rio de Janeiro

Deu dinheiro e remeteu
 Porém não sei o que houve
 Que cá não parece
 O dinheiro é tão sabido
 Que quis ficar escondido
 Nos cofres dos potentados
 Ignora-se esse meio
 Eu penso que ele achou feio
 Os bolsos dos flagelados.
 O Governo Federal
 Querendo remia o Norte
 Porém cresceu o imposto
 Foi mesmo que dar-lhe a morte
 Um meie o facão e rola-o
 O Estado aqui esfola-o
 Vai tudo dessa maneira
 O município acha os troços
 Ajunta o resto dos ossos
 Manda vendê-los na feira.
 (Leandro Gomes de Barros)

2º Momento:

- Refletir sobre a história e a estrutura do cordel utilizado na aula anterior, pois como resultado final desta sequência, os alunos produzirão cordéis.

O cordel e sua estrutura

O cordel é um grande texto oral e escrito ao mesmo tempo, porque ele é feito para ser lido em voz alta, e que se constitui basicamente de dois aspectos: do relato mítico, ancestral, que conta histórias de princesas, de cavalaria, de encantamento, de heróis, etc., e que dialogam intimamente com questões ligadas à Idade Média. Por outro lado, o cordel também faz o relato do que acontece, ou seja, do reconhecimento da Palestina como um 194º Estado do mundo, da CPI dos deputados, de um desastre, de um campeonato de futebol, o que funciona como uma forma de jornalismo popular. Além disso, o poema, para ser um cordel, deve obedecer a uma estrutura poética fixa, com poucas variações de métrica e rima.

O cordel teve suas primeiras edições nas primeiras prensas nordestinas, no Recife, na virada do século XIX para o XX, com o pioneirismo do poeta Leandro Gomes de Barros. Com o ritmo cadenciado, com um aspecto lúdico, os folhetos de cordel aproximaram pessoas que queriam ouvir histórias e foram a escola de alfabetização para a população do sertão nordestino.

Estrutura do cordel

Os poemas em cordel seguem regras de métrica e rima inescapáveis, sem elas não se faz um cordel. Seguem abaixo alguns dos modelos possíveis:

Sextilha

Geralmente, o cordel é escrito em forma de sextilha, estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas. Obrigatoriamente, o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si. Para exemplificar, segue abaixo a primeira estrofe do cordel “O Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Rezende, um dos cordéis mais lidos até hoje:

1o Eu/ vou/ con/tar/ uma/ his/tó/ria [não rima]

2o De um pavão misterioso [rima]

3o Que levantou vôo na Grécia [não rima]

4o Com um rapaz corajoso [rima]

5o Raptando uma condessa [não rima]

6o Filha de um conde orgulhoso. [rima]

Setilha

Também usada, a setilha, com estrofes de sete versos, tem a seguinte rima: o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima entre si. Como exemplo, segue abaixo o cordel “As coisas do meu sertão”, do poeta Zé Bezerra de Carvalho.

1o Já falei de saudade [não rima]

2o Tristeza e ingratidão [rima 1]

- 3o De amor e de prazer [não rima]
 4o E cantei de emoção [rima 1]
 5o Quero agora cantar [rima 2]
 6o E também quero falar [rima 2]
 7o Das coisas do meu sertão [rima 1]

Décima

A Décima, mais usada pelo repente, é uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas, ela é o gênero usado pelos cantadores repentistas para os versos de mote. Nas décima, as rimas são: o primeiro verso rima com o quarto e quinto, o segundo rima com terceiro, o sexto rima com o sétimo e décimo, e o oitavo rima com o nono. Segue abaixo um trecho em décima do cantador Ugolino do Sabugi:

- 1o As obras da Natureza [rima 1]
 2o São de tanta perfeição, [rima 2]
 3o Que a nossa imaginação [rima 2]
 4o Não pinta tanta grandeza! [rima 1]
 5o Para imitar a beleza [rima 1]
 6o Das nuvens com suas cores, [rima 3]
 7o Se desmanchando em louvores [rima 3]
 8o De um manto adamascado [rima 4]
 9o O artista, com cuidado, [rima 4]
 10o Da arte aplica os primores [rima 3]

Martelo agalopado

O cordel também pode ser feito em martelo agalopado, embora seja mais raro e seja mais usado pelos cantadores repentistas. No caso, a estrofe deve ter dez versos de dez sílabas poéticas, sendo que cada verso tem que ter a acentuação tônica na terceira, sexta e décima sílabas poéticas. A rima segue o mesmo padrão da décima. Para exemplificar, os versos de Marco Haurélio no cordel “Galopando o cavalo pensamento”:

A Se/nho/ra/ dos/ Tú/mu/los/ ob/serva [10
 sílabas poéticas, sílabas fortes em negrito]

O vaivém da tacanha mocidade,
 Que despreza a virtude e a verdade
 E dos vícios se mostra fiel serva,
 Porém nada no mundo se conserva:
 Sendo a vida infindo movimento,
 É a Morte um novo nascimento
 A inveja é o túmulo dos vivos —
 O herói repudia esses cativos,
 Galopando o Cavalo Pensamento.
 Galope à beira-mar

Há também o galope à beira-mar, de estrofes com dez versos de onze sílabas poéticas, com as tônicas na segunda, quinta oitava e décima primeira sílabas poéticas, obedecendo às mesmas regras de rima da décima, sendo que também é mais comum no repente e a última estrofe deve terminar com “mar”. A estrofe a seguir, do cantador de repente Dimas Batista, exemplifica:

Can/tan/do/ Ga/lo/pe/ nin/guém/ me/
hu/milha, [sílabas fortes em negrito]

Pois tudo que existe no mar aproveito,

Na ilha, no cabo, península, estreito,

Estreito, península, no cabo, na ilha,

No barco, na proa, em bússola e milha!

Medindo a distância eu vou viajar,

Não quero, da rota, jamais me afastar,

Porque me afastando o destino saí torto;

Confio em Deus pra avistar o meu porto,

Cantando Galope na beira do mar!

3º Momento:

- Relacionar o cordel lido às principais características da 2ª fase do Modernismo, apresentar os principais autores e obras,
- produção do cordel. O tema será sobre alguma problemática que está presente em nossa sociedade atualmente.

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
 Estágio Supervisionado IV
 Escola: E.E.F.M. Dr Elpídio de Almeida
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Professoras: Thaise de Medeiros Sousa
 Aluno _____ (a):

VIDAS SECAS EM CORDEL

(Cristóvão Augusto)

Em meio à terra seca
 E à paisagem hostil
 Retratando com firmeza
 O Nordeste do Brasil
 Um casal, dois meninos
 Um animal doentio

Se mandaram neste mundo
 Sem rumo sem documento
 Com muita fome e cede
 Todos ao mesmo relento
 Por fim encontraram um canto
 A fim de passarem tempo

Era uma fazenda velha
 Totalmente abandonada
 O curral era deserto
 O chiqueiro, sem morada

Porém, ali tava bom
 Para abrigar a cambada

Fabiano se orgulhava
 Venceu as dificuldades
 Agora era vaqueiro
 Daquela propriedade
 Contudo, aparece o dono
 E muda a realidade

Virou logo empregado
 Servindo a seu patrão
 Não achando outra saída
 Essa era a solução
 Para segurar seu povo
 Em um pedaço de chão

Que situação mais triste
 Se sentia um animal
 Buscou tanta melhoria
 No fim, só terminou mal
 Parecia mais um bicho
 Era humilhação total

Depois veio a confusão
 Será forte? Ou será fraco?
 Venceu uma grande batalha

| | |
|----------------------------|----------------------------|
| Depois se viu no fracasso | Provocando Fabiano |
| Eita oscilação constante | Que já partia calado |
| Pense que quebra-de-braço | Essa idéia do jogo |
| | Não foi mesmo bom agrado |
| Por hora o importante | |
| Era só sobreviver | Soldado provocador |
| Depois se planeja um pouco | Pisa no pé do vaqueiro |
| E se pensa o que fazer | Barra a sua passagem |
| Encontrar a solução | Ta querendo um desmantelo |
| Não é fácil, pode crer | O peão até se aguenta |
| | Os insultos são grosseiros |
| Fabiano vai à rua | |
| Comprar alguns mantimentos | Por fim, esquenta a cabeça |
| Querosene, chita rubro | Xinga a mãe do soldado |
| E outras coisas de momento | O destacamento em volta |
| Falta qualidade e preço | O deixa desconfiado |
| Isso lhe causa tormento | E o bota na cadeia |
| | Empurrado e humilhado |
| Resolve beber um pouco | |
| Na bodega de Inácio | No xadrez, fica pensando |
| Nisso aparece um soldado | No que tinha acontecido |
| O seguindo no compasso | Ele não fizera nada |
| E o convida para um jogo | Nem matado nem batido |
| De cartas, sem embaraço | No soldado amarelo |
| | Que era bem merecido |
| Os dois perdem o dinheiro | |
| O que irrita o soldado | Em meio a indagações |

Enfureceu-se, acalmou-se
 Protestou sua inocência
 Com um bêbado enraivou-se
 E também com uma quenga
 Que em outra cela instalou-se

Pensou em sua família
 Se não fosse Sinhá Vitória
 E as suas criancinhas
 Que não saem da memória
 Teria feito besteira
 Ali mesmo sem demora

Sinhá Vitória tinha um sonho
 Ter uma cama de couro
 Seu Tomás da Bolandeira
 Já tinha esse tesouro
 Mas Sinhá, sem ter dinheiro
 Só faltou cair no choro

Tinha um inconformismo
 Com aquela situação
 Ao contrário do marido
 Vaqueiro de coração
 Que aceitava de tudo
 Sem nunca dizer um “não”

O menino mais novo tinha
 Em si um grande ideal
 Ser igualmente ao pai
 Perfeitamente igual
 Imitar suas ações
 Nesse mundo infernal

Matar cabras, espichar-se
 Em uma cama de vara
 Trazer uma faca na cinta
 Fumar cigarros de palha
 Calçar sandália de couro
 E nos pés amaciá-la

Já o menino mais velho
 Quis saber de uma palavra
 “O que quer dizer inferno?”
 Mas ninguém o ensinava
 Perguntou a sua mãe
 Que quase lhe espancava

Buscou aprender sozinho
 Por própria dedicação
 Pois precisava saber
 Pra usar com perfeição
 Em todo seu dia-a-dia
 No seu pedaço de chão

Começa o tempo chuvoso
 É noite torrencial
 Fabiano conta histórias
 Os garotos passam mal
 Grande frio, mas que tristeza
 Que inverno glacial

 É tempo de alegria
 Comemora-se o natal
 Roupas novas e sapatos
 São algo de anormal
 Todos vão para a cidade
 Mostrarem o visual

 Sentiram-se inferiores
 Em meio à situação
 Era uma diferença
 Dessa gente pra o povão
 Se compare a dois mundos
 Um em pé, outro no chão

 Baleia, sua cadela
 Adoece sem demora
 Cai-lhe o pelo, está magra
 Isso é algo que apavora
 O corpo cheio de chagas

Veja que cruel história

 Temendo que a cadela
 Passe a doença pros filhos
 Fabiano quer matá-la
 Para livrar o perigo
 Mete chumbo na coitada
 Nesse ente tão querido

 Fabiano é enganado
 Em seu acerto de contas
 O patrão logo se irrita
 Quando a dúvida se monta
 Pensa até em demiti-lo
 Na hora que se confrontam

 O vaqueiro se humilha
 Pede desculpa ao patrão
 Mesmo sendo enganado
 Volta atrás, pois é peão
 A opressão predomina
 E a dor no coração

 Um ano após a prisão
 O peão vê o soldado
 Magrinho e amarelo
 No entanto, enfezado

Teve medo do vaqueiro
 Que era desengonçado

 Fabiano quis vingança
 Esse era um desmantelo
 Contudo, se acalmou
 E não fraquejou em vê-lo
 Ajudando ao soldado
 Que era homem do governo

A família se prepara
 Para ir mundo a fora
 Mais um período de seca
 Ta chegando sem demora
 São as aves que anunciam
 Esse tempo que vigora

A partida da família
 Do velho e pobre torrão
 Deixa pra trás uma dívida
 Junto do cruel patrão
 Não tendo como pagar

Fugir é a solução

 Nutrindo suas esperanças
 Na vida numa cidade
 Misturando muitos sonhos
 Em meio à realidade
 A família vai embora
 Procurar felicidade

 Com isso Graciliano
 Mostra o que é Nordeste
 Terra de mulher guerreira
 E também “cabra-da-pestes”
 Esperança e sofrimento
 Escritos por quem conhece

(Cordel adaptado e inspirado através da obra Vidas Secas, do autor Graciliano Ramos)

APÊNDICE B: ATIVIDADE FINAL DE ESTÁGIO

CORDEL:



Fonte: http://lounge.obviousmag.org/com_dois_enes/2014/05/derlon-almeida-e-sua-xilogravura-de-concreto.html

O NORDESTE

E.E.E.F.M. Dr. Elpídio de Almeida

Docente: Rosilda Andrade

Disciplina: Língua Portuguesa

Período: Noturno

Estagiária Thaise de Medeiros Sousa

Ano: 3º Sala: B

ATIVIDADE FINAL DE ESTÁGIO

Autores: 3º ano B, Noite.

Alana de Oliveira Silva

Caio Vitor

Diego Estevão Dantas

Joabe Bezerra de Freitas Sobrinho

José Matheus A. Trajano

Larissa Elvira de Melo Medeiros

Marcos Yuri de Medeiros Pereira Souza

Maria Karolina da S. Guedes

Rafaela Rossana de Farias Santos

Vou falar do meu nordeste
 Neste verso que eu fiz
 Com o povo que fala muito
 E outros que nada diz
 Nordeste de povo forte
 E de povo muito feliz
(Caio Vitor)

O nordestino é cabra da peste
 Trabalha todos os dias
 De baixo de chuva e sol
 Sem perder a alegria
 Pra ganhar o seu dinheiro
 De sustento do dia a dia.
(Marcos Yuri de Medeiros Pereira Souza)

A seca no nordeste
 Traz muito sofrimento
 Ao cabra da peste
 Que vive em tormento
 O fazendo olhar para o céu
 Querendo sair do relento
(Alana de Oliveira Silva)

O nordeste está secando
 Levando embora a esperança do povo
 A comida está acabando

Fica difícil sorrir de novo
 Deus atende as preces do sertão
 Pois eles são teu povo
(Maria Carolina de S. Guedes)

O povo do sertão
 Chorou sem ter solução
 A terra ardeu em chamas
 Sem chuva para a plantação
 Por isso foram embora
 A procura de redenção.
(Joabe Sobrinho)

O nordestino é forte
 Pessoas de coração nobre
 Não aguentam a situação
 E foram em busca de pão
 Mais de tanta solidão
 Retornaram para o sertão
(Larissa Elvira de Melo Medeiros)

O nordeste estava seco
 Não tinha uma folha no chão
 Estavam todos preocupados
 Com a situação
 Hoje a chuva está voltando

Pra toda região.

(Rafaela Rossana de Farias Santos)

O nordestino é guerreiro
Forte e determinado
Passou sede, passou fome
Mas nunca foi acomodado.

(Diego E. Dantas)